



No fio da fala: angústia, verdade e saber

Gloria Sadala

Membro de FCL-RJ; membro da EPFCL-Brasil;
membro do Conselho de Orientação e Pesquisa de
FCL-RJ.

Um paciente envia mensagem de *whatsapp* para seu analista: “preciso falar!” Era o dia de um acontecimento importante em sua vida e a angústia o invadiu. Mal-estar, náusea, dor no estômago. É no corpo que a angústia se manifesta. E o analisante quer falar para obter alívio, um efeito catártico que diminua o seu sofrimento.

Como responder à angústia do paciente para transformar aquilo que o paralisa em motor do tratamento? Na direção de uma psicanálise, o que pode fazer um analista diante da presença da angústia? Respondo: fazê-la falar. E, por esta razão, podemos dizer que a palavra é um dos destinos da angústia! Se a angústia, como afirma Lacan no *Seminário X*, é o único afeto que não engana, é estreita sua relação com a verdade.

Como pensar, então, a articulação entre a palavra, o saber e a verdade? O saber, em sua origem, está reduzido à articulação significante e Lacan afirma no *Seminário 17* (1969-70), que no traço unário – concebido como a origem do significante – “é que tem origem tudo o que nos interessa, a nós, analistas, como saber.” (p. 44). Continua Lacan: “Isto pouco tem a ver com sua fala, com a sua palavra. Isto tem a ver com a estrutura, que se aparelha. O ser humano, que sem dúvida é assim chamado porque nada mais é que o húnus da linguagem, só tem que se emparelhar, digo, se apalavrar com esse aparelho” (p. 48).

Segundo Freud, as pulsões se fazem representar pelos representantes representativos. Lacan, por outro lado, aponta a articulação entre os significantes e o gozo como condição de possibilidade para o que vem a ser o sentido. Conclui Lacan: “É com o saber como meio de gozo que se produz o trabalho que tem um sentido, um sentido obscuro. Esse sentido obscuro é o da verdade” (p. 48).

A verdade não é uma preocupação exclusiva da psicanálise. A filosofia a ela também se dedica. Platão, por exemplo, contagiado pela dialética de Sócrates, tentava chegar à verdade por meio dos contrários, como se observa em seus diálogos. Atribuiu,



em sua obra, grande importância à palavra, pela qual a sua dialética funciona. Constrói-se a hipótese em jogo com perguntas e respostas, no entanto, na hora de conhecer a coisa, as palavras acabam. O mundo das ideias só pode ser atingido pela intuição. A linguagem permanece sempre devedora, pois nunca há uma definição completa, comparando-se a experiência do conhecimento verdadeiro a uma fagulha que se acende.

Abandonando a teoria platônica da Ideia, Aristóteles se viu diante da tarefa de buscar um fundamento para a relação entre a linguagem e o ser. Tal tarefa o pôs em confronto com os sofistas, cuja argumentação não admitia qualquer possibilidade de encontrar o ser na linguagem. A concepção da palavra como pura convenção serviria simplesmente a uma troca de opiniões. Para penetrar nos enigmas do ser, era preciso, portanto, restituir à palavra a sua função reveladora. A transformação do estatuto da palavra, aliando-se a um trabalho da razão, torna-a um instrumento de acesso ao ser. Aristóteles, rejeitando a sofística, atribui à palavra uma função libertadora. Seu poder passa a situar-se no escopo do desvelamento do ser.

Martin Heidegger dá um passo adiante em relação a Platão e Aristóteles. Para ele, é na linguagem que a pergunta sobre o sentido encontra lugar. Tanto revelar quanto ocultar pertencem à potência do discurso, ou seja, o encobrimento tem a mesma força que o desvelamento. A linguagem é condição do pensamento, de possibilidade para uma memória que registra as respostas referentes às indagações sobre o sentido do ser, podendo-se dizer que, segundo Heidegger, o ser é o impensado do pensamento, o não dito da linguagem, mas que dá a pensar e a dizer.

A busca da verdade pela palavra no discurso é, pois, um ponto que permite aproximar os pensamentos de Platão, Aristóteles e Heidegger às formulações da psicanálise.

E o que se espera de um psicanalista? Que faça funcionar seu saber em termos de verdade.

A função do psicanalista é, em parte, desnudar a palavra de sua função encobridora, no intuito de encontrar algo da verdade do sujeito. Como Freud argumenta em “Sobre psicoterapia” (1905), a psicanálise pretende não agregar e sim subtrair algo do sujeito, e com tal objetivo investiga a trama psíquica e a gênese dos sintomas. O



dispositivo analítico propõe a associação livre, uma maneira de trabalhar no fio da fala, para tentar pôr em curso o desejo do sujeito. A articulação entre linguagem, pulsão e desejo confere à palavra um estatuto de ato, capaz de transformá-lo.

Ao fazer a angústia falar, a psicanálise permite restabelecer a relação da palavra com a verdade do sujeito. Na atualidade, vivemos um tempo de narrativas e *fake news*, no qual a verdade parece estar fora de cena.

A função da palavra é enigmática tanto em sua utilização na prática psicanalítica quanto em seu uso nos atuais recursos da comunicação. Assim, repensar a função da fala e o campo da linguagem na psicanálise é de suma importância para uma reaproximação com o que é o cerne da experiência analítica, uma vez que contribui para fundamentar o posicionamento diante das possibilidades e das exigências de nossa época, como a análise on-line e seus utilitários modernos, ao mesmo tempo que fornece elementos para um questionamento ético em relação aos dilemas dos dispositivos digitais.

Mas, de que palavra se trata na psicanálise, da qual é possível construir-se um saber que tem no horizonte a verdade do sujeito? Trata-se da palavra com estatuto de ato, construída a partir da força da pulsão e do vigor do desejo. Ato sustentado pela lógica do não todo da psicanálise que aponta a castração e a falta constitutiva de todo sujeito. Ato relacionado à ética do desejo que permite surgir o novo a partir de uma sequência de repetições. Ato que implica na ética do bem-dizer, propiciando a angústia falar como bússola na direção do desejo do sujeito.

Referências:

SADALA, G. Um escultor da palavra no avesso da comunicação / Gloria Sadala. – Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj, 2023.

FREUD, S. (1893-5). “Sobre la psicoterapia de la histeria”. [Estudios sobre la histeria]. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, vol. II.

LACAN, J. (1962-3) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. (1969-70) *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚS
TIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?



MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE